



THE POWER OF CONNECTIONS

Harvesting Lessons and Strengthening Coalitions for Amazonian Conservation

Análise Executiva

Sociobioeconomias e Financiamento da Conservação na Amazônia

Esta publicação constitui o **Análise Executiva** da Oficina 1, parte do projeto “O Poder das Conexões: Colhendo Lições e Fortalecendo Coalizões para a Conservação Amazônica”.

Fevereiro de 2026

Organização



Colaboração



Parceria



Lições para iniciativas eficazes de sociobioeconomia e financiamento da conservação



1. Confiança e compromisso de longo prazo

As comunidades e os parceiros externos colaboraram de forma eficaz por meio de relacionamentos construídos ao longo do tempo e de espaços que facilitaram o diálogo e a coordenação contínuos.



2. Liderança comunitária e inclusão

Jovens, mulheres e povos indígenas foram envolvidos por meio de liderança, empreendedorismo e governança cooperativa, apoiando a participação sustentável e a autonomia.



3. Criação de valor e controle local

A produção baseada na biodiversidade e no conhecimento local gerou benefícios econômicos e ambientais, com as comunidades mantendo o controle sobre o processamento, a comercialização e a fixação de preços, muitas vezes por meio de organizações coletivas.



4. Financiamento & fortalecimento institucional

O financiamento filantrópico e estruturado, alinhado com a maturidade do projeto, combinado com assistência técnica e capacitação, fortaleceu a tomada de decisões locais, a governança e a resiliência organizacional.



5. Conhecimento, tecnologia & inovação

Soluções científicas e técnicas adaptadas aos contextos locais melhoraram a produtividade, enquanto a combinação do conhecimento tradicional com a experimentação e tecnologias práticas possibilitou a inovação.



6. Condições territoriais e de governança

A segurança da posse da terra, instituições funcionais e políticas públicas alinhadas proporcionaram estabilidade e acesso a recursos, programas e mercados, moldando a viabilidade das empresas comunitárias.



Introdução

Em toda a bacia amazônica, uma profunda transformação está em curso. Povos Indígenas e Comunidades Locais (PICLS) estão liderando múltiplas iniciativas de *sociobioeconomia* que estão remodelando a conservação e promovendo o bem-estar comunitário. Esses esforços mobilizam parcerias público-privadas inovadoras e modelos financeiros concebidos para reconhecer o valor real da diversidade biológica e cultural da Amazônia.

No entanto, concretizar plenamente o potencial da *sociobioeconomia* exige mais do que uma visão. Requer planejamento estratégico, pontes entre diferentes sistemas de conhecimento e mecanismos de investimento capazes de alcançar as comunidades que realizam o trabalho no território.

O financiamento da conservação é um desses mecanismos, com potencial para catalisar modelos de negócios inclusivos e sustentáveis que recompensem pessoas e natureza em toda a Pan-Amazônia. Apesar das barreiras persistentes, lideranças e profissionais vêm avançando estratégias criativas que combinam conhecimentos tradicionais com soluções inovadoras de investimento. Ainda assim, permanecem questões centrais: como garantir que essas ferramentas de mercado e a participação nos mercados fortaleçam — e não enfraqueçam — o capital humano, ecológico e cultural da região? Como definir o sucesso na prática? E como as lições aprendidas em uma parte da Amazônia podem informar ações em toda a bacia?

Para explorar essas questões, a oficina “Sociobioeconomias e Financiamento para a Conservação na Amazônia” reuniu um grupo diverso de atores de diferentes países e setores da prática da conservação amazônica. Profissionais experientes, com décadas de atuação em comunidades remotas, encontraram-se com empreendedores locais que constroem negócios baseados em produtos florestais, especialistas em finanças interessados em direcionar capital para a conservação amazônica, além de pesquisadores, estudantes e membros das instituições organizadoras. Todos se reuniram com um propósito comum: trocar lições, identificar caminhos inovadores, fortalecer redes e impulsionar novas coalizões capazes de replicar soluções em toda a região.

Realizado pelo IPÊ em Nazaré Paulista (SP), Brasil, entre 28 e 31 de maio de 2025, o evento foi organizado pelo Programa de Conservação e Desenvolvimento nos Trópicos (TCD) da Universidade da Flórida, em parceria com a ESCAS/IPÊ, o Centro Internacional da Batata (CIP/CGIAR) e a Fundação Gordon e Betty Moore. Este foi o primeiro de uma série de cinco oficinas interconectadas, concebidas para fortalecer a colaboração entre pesquisadores, profissionais, financiadores e representantes comunitários que atuam na transformação da trajetória da conservação amazônica.

Este documento sintetiza os principais aprendizados emergentes: novos caminhos para alinhar sociobioeconomia e financiamento da conservação, estratégias para fortalecer comunidades guardiãs e lições práticas passíveis de replicação em toda a Amazônia.





Definição de Termos e Apropriação de Significados

A abordagem da oficina foi deliberadamente colaborativa. Os participantes examinaram conjuntamente os conceitos complexos e frequentemente disputados de *sociobioeconomia* e *financiamento da conservação*, construindo entendimentos compartilhados e identificando desafios que demandam ação coletiva. Ao buscar convergência conceitual, destacou-se que as interpretações variam entre países, comunidades e experiências vividas, refletindo o caráter dinâmico, evolutivo e moldado por diferentes cosmovisões e trajetórias históricas desses conceitos.

A **sociobioeconomia** foi descrita como um conjunto de práticas fundamentadas em conhecimentos locais, organização coletiva e uso sustentável dos recursos naturais. Os participantes a caracterizaram como um modelo econômico, social e político profundamente conectado a realidades territoriais e históricas específicas, em contraste com definições técnicas reducionistas. Também foi apresentada como uma forma de reconhecimento do valor dos saberes tradicionais e de práticas históricas que articulam cuidado ambiental, bem-estar comunitário e reprodução da vida.

O **financiamento da conservação** foi compreendido como um conjunto de mecanismos destinados a prover suporte financeiro a iniciativas de conservação dos ecossistemas. Esses mecanismos incluem instrumentos reembolsáveis e não reembolsáveis — de investimentos de impacto a doações — que contribuem para a proteção da biodiversidade, restauração de ecossistemas e fortalecimento dos meios de vida locais. Os participantes enfatizaram a importância de que a implementação desses instrumentos respeite os saberes locais, reforce a autonomia comunitária e promova a articulação entre práticas tradicionais e novas tecnologias.

Uma preocupação recorrente foi o risco de esvaziamento ou apropriação desses conceitos por atores com agendas divergentes. Reforçou-se a necessidade de compromisso compartilhado com a preservação da diversidade social e biológica da Amazônia, bem como a avaliação criteriosa dos modelos econômicos aplicados, para verificar se de fato valorizam a riqueza cultural e biológica e consideram os impactos sociais e ambientais da produção em larga escala.



Iniciativas que Impulsionam Mudanças na Amazônia

Com definições e princípios compartilhados, os participantes apresentaram iniciativas de diferentes partes da Amazônia que ilustram como abordagens sociobioeconômicas vêm se materializando na prática. Apesar das diferenças contextuais, as experiências revelaram processos comuns e condições habilitadoras que sustentam o desenvolvimento comunitário de longo prazo e a conservação da biodiversidade.



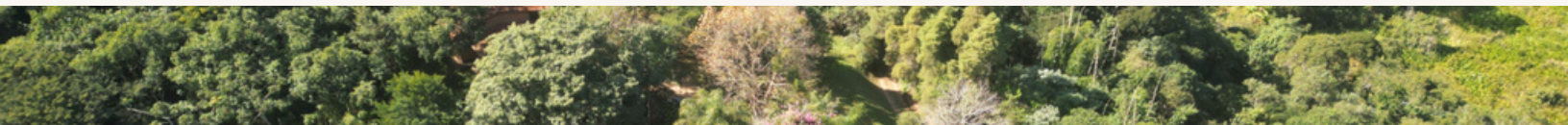
1. Construção de Confiança e Parcerias de Longo Prazo para o Empreendedorismo

Diversas iniciativas destacaram que o ponto de partida para um trabalho eficaz na Amazônia é a qualidade das relações cultivadas ao longo do tempo. Organizações com presença histórica nos territórios frequentemente atuam como pontes entre atores locais, parceiros técnicos e potenciais investidores.

No Brasil, a parceria do IPÊ com o LinkedIn para apoiar empreendedores locais ilustra essa dinâmica. O LinkedIn propôs um projeto de empreendedorismo e aportou recursos financeiros. O IPÊ, por sua vez, utilizou suas relações consolidadas para identificar empreendedores comunitários em uma área protegida da Amazônia. Dos 100 empreendedores identificados, 11 receberam capital semente (US\$ 3.000 a US\$ 5.000) e participaram de capacitações conduzidas por consultores voluntários, abordando fundamentos de negócios, além de visitas técnicas e mentorias. Segundo o IPÊ, o principal ativo do sucesso foi a confiança: a credibilidade construída ao longo do tempo fez com que as comunidades se sentissem seguras para participar. Os pequenos investimentos, combinados com apoio contínuo, geraram retornos positivos em autonomia comunitária, confiança e dinamização econômica local.

Espaços de colaboração também contribuem para fortalecer confiança e conectividade além de projetos específicos. O Festival de Investimentos de Impacto e Negócios Sustentáveis na Amazônia (FIINSA), organizado pelo IDESAM e pelo ImpactHub, reúne empreendedores, lideranças comunitárias, pesquisadores, investidores e representantes do setor público. Por meio de apresentações, debates, rodadas de negócios e um “BioHub” de matchmaking, o FIINSA fomenta interações que frequentemente resultam em parcerias e estratégias compartilhadas.

Em todos esses exemplos, destacou-se que confiança, facilitação e engajamento de longo prazo não são apenas ativos relacionais, mas condições práticas para que os projetos avancem.



2. Amplo Engajamento Comunitário e Lideranças

As iniciativas enfatizaram de forma consistente o papel central de mulheres, jovens e lideranças locais na conformação e sustentação das *sociobioeconomias* locais, ancorando os processos decisórios nas necessidades do território e promovendo a renovação das lideranças entre gerações.

No Equador, a TRIAS atua junto a associações de produtores para identificar barreiras enfrentadas por mulheres e jovens — como acesso limitado à terra, à capacitação e ao financiamento — e apoiá-los por meio de programas de liderança e empreendedorismo. Como resultado, grupos de jovens passaram a oferecer serviços agrícolas, como controle fitossanitário, enquanto grupos de mulheres operam pequenos empreendimentos alimentares voltados a mercados locais e visitantes. A TRIAS também fortalece a governança interna das cooperativas, contribuindo para aprimorar a capacidade de negociação e as práticas de formação de preços.

Participantes da Colômbia observaram que iniciativas sociobioeconômicas podem criar condições que incentivam jovens rurais a permanecer em seus territórios.

As oportunidades de participação em processos decisórios e de geração de renda foram citadas como fatores-chave. Como destacou um dos participantes: *“Eles querem permanecer em suas terras tradicionais, mas sob novas condições”*.

Em Manaus, no Brasil, o Ateliê Derequine envolve mulheres indígenas no design e na produção de vestuário com inspiração cultural, fortalecendo tanto a geração de renda quanto a expressão e a afirmação cultural. Iniciativas educacionais como a *Escola de Conhecimento Próprio*, no contexto da comunidade indígena urbana de Manaus, apoiam a identidade indígena entre crianças por meio da arte, da pintura corporal e de práticas produtivas tradicionais. Redes regionais — incluindo a ANMIGA no Brasil, o Encontro Nacional de Mulheres Indígenas na Colômbia e a Organização Nacional de Mulheres do Suriname — criam e fortalecem espaços de aprendizagem coletiva e de participação política.



3. Geração de Valor por meio da Produção Baseada na Biodiversidade

Diversas iniciativas demonstraram como a produção baseada na biodiversidade, quando organizada a partir de parcerias justas e transparentes, pode gerar renda local, apoiar a conservação e reforçar a identidade comunitária.

Agroflorestas de Café para a Restauração Florestal. No Brasil, o projeto Café Apuí Agroflorestal, do IDESAM, utiliza o cultivo de café em sistemas agroflorestais para restaurar áreas degradadas, integrando espécies nativas e produtivas. Ao longo do tempo, a iniciativa migrou da produção convencional para mercados orgânicos e orgânicos premium, apoiada por capacitação, assistência técnica, melhorias na infraestrutura de beneficiamento, desenvolvimento de marca e certificação.

Óleos Essenciais e Marca Coletiva. A marca coletiva Inatú Amazônia, também apoiada pelo IDESAM, reuniu comunidades dispersas dentro de uma área protegida sob uma identidade comum para a comercialização de óleos essenciais (andioba, copaíba e pracaxi). A padronização das práticas produtivas, o uso de espaços compartilhados e o marketing coletivo permitiram que os produtores alcançassem novos compradores e negociassem condições mais favoráveis. Esse modelo horizontal, no qual múltiplos atores compartilham funções ao longo da produção, do processamento e da comercialização, mostrou-se mais resiliente e equitativo do que estruturas hierárquicas centralizadas, frequentemente dominadas por um único ator.

Cadeias Alimentares com Agregação de Valor. No Peru, a Despensa Amazônica desenvolveu uma linha de gastronomia sustentável baseada em ingredientes amazônicos, incluindo produtos derivados do pirarucu, como hambúrgueres e nuggets. Investimentos em armazenamento refrigerado, processamento e transporte sustentaram a cadeia desde a origem comunitária até a marca final. Como a legislação pesqueira vigente no Peru reconhecia apenas a pesca marítima, a empresa atuou pela adequação do marco legal para incluir peixes provenientes das águas amazônicas, evidenciando a necessidade de uma interação dinâmica entre políticas públicas e inovação produtiva.

No Brasil, a associação de pescadores ASPROC estabeleceu diversas alianças para ampliar e profissionalizar a produção de pirarucu para além da venda de peixe fresco, investindo em processamento, embalagem e congelamento. Quando uma empresa processadora, responsável por uma grande planta de congelamento, sofreu uma multa após uma vitória judicial da ASPROC, a associação negociou compensações e novos termos de colaboração. A empresa passou então a realizar o processamento, a embalagem e o congelamento, permitindo à ASPROC acessar novos mercados. O pirarucu é proveniente de áreas protegidas sob acordos de pesca, enquanto a comunidade monitora e protege os lagos que garantem o habitat da espécie, resultando em benefícios ambientais e econômicos positivos, em escala local e global, originados em um território remoto.

No Equador, a Associação Kallari organizou 10 comunidades e 55 produtores de cacau em uma cadeia de valor que produz e comercializa 13 tipos de chocolate. Além disso, a Kallari mantém uma matriz diversificada de cultivos agroflorestais associada ao cacau e detém a propriedade de suas receitas, garantindo segurança alimentar, resiliência frente às oscilações de mercado e maior captura de valor pelas comunidades ao longo de todo o processo produtivo.

Esses casos evidenciam comunidades que mantiveram o controle e conseguiram capturar valor de forma bem-sucedida ao longo de toda a cadeia produtiva. Demonstram, ainda, que o capital social enraizado na organização, na participação e na transparência podem constituir a base para o desenvolvimento econômico sustentável.





4. Financiamento, Fortalecimento de Capacidades e Reforço Institucional

As iniciativas destacaram que empreendimentos sociobioeconômicos duradouros exigem financiamento adequado ao longo do tempo e instituições locais robustas, capazes de gerir recursos, riscos e relações. A filantropia foi considerada essencial nas fases iniciais, de maior risco, com os projetos transitando gradualmente para mecanismos de financiamento mais estruturados, como capital filantrópico reembolsável ou fundos de investimento de impacto. À medida que os empreendimentos amadurecem, sua capacidade de absorção de recursos aumenta.

A aceleradora AMAZ, do IDESAM — o maior venture builder de impacto do norte do Brasil — utiliza um modelo de finanças combinadas (blended finance), que integra capital filantrópico, concessional e comercial para apoiar empreendimentos amazônicos em estágio inicial. A filantropia contribui para a redução de riscos nas fases iniciais, enquanto o investimento de impacto sustenta o crescimento dos negócios à medida que estes se consolidam.

O IDESAM também estruturou chamadas públicas financiadas por obrigações de pesquisa e desenvolvimento de empresas da Zona Franca de Manaus, direcionando esses recursos para mais de 80 pequenos negócios. Uma chamada específica voltada a empreendedores indígenas com formação acadêmica avançada incentiva a aplicação de conhecimentos científicos indígenas em empreendimentos locais.

A Amazon Investor Coalition oferece investimentos iniciais de até R\$ 500.000, acompanhados de mentoria e acesso a redes estratégicas. A ASPROC, com apoio do Serviço Florestal dos Estados Unidos (U.S. Forest Service), utilizou recursos direcionados para aprimorar estratégias de comercialização e competir com mercados ilegais de pirarucu, demonstrando como o apoio financeiro focalizado pode contribuir para equilibrar a competição em favor de empreendimentos legais e sustentáveis.

O fortalecimento de capacidades foi apontado como um elemento central do desenvolvimento econômico duradouro. O apoio de longo prazo da TRIAS a cooperativas de cacau, com foco em habilidades de negociação, certificação, análise de riscos e ferramentas de formação de preços, permitiu que 70% a 80% desses empreendimentos alcançassem o ponto de equilíbrio após alguns anos. A parceria do IPÊ com o LinkedIn combinou capital semente com capacitação e mentoria, apoiando novos empreendedores a operar de forma autônoma. Esses sistemas não apenas aumentaram a rentabilidade, como também fortaleceram a governança interna e a transparência, evidenciando que assistência técnica, formação contínua e mentoria são componentes essenciais do fortalecimento institucional.





5. Conexão entre Conhecimento e Tecnologia

Um desafio recorrente identificado foi o distanciamento entre soluções científicas ou técnicas disponíveis e sua adaptação aos contextos locais. Diversas experiências demonstraram como a superação dessa lacuna pode apoiar inovações que promovem a participação local e o controle sobre os sistemas produtivos, além de melhorar as condições de trabalho.

O IDESAM identificou uma máquina de colheita de açaí desenvolvida por pesquisadores com o objetivo de reduzir o esforço físico dos trabalhadores, mas que não havia sido comercializada. Com o apoio do IDESAM, um estudante desenvolveu um protótipo mais funcional, o que viabilizou sua entrada no mercado.

Em outro caso, tecnologias provenientes do Polo Industrial de Manaus foram adaptadas para que uma comunidade pudesse realizar o envase de óleos essenciais utilizando apenas um pequeno trilho. Essa adaptação simples foi suficiente para viabilizar o uso de uma máquina de envase de óleos essenciais, aumentar a produtividade e melhorar a apresentação dos produtos.

Ferramentas digitais também desempenham um papel relevante. Plataformas como o Origens Brasil e o marketplace de impacto do Mercado Livre ampliam a visibilidade e o acesso a mercados de produtos fundamentados em princípios sociais e ambientais, permitindo que produtores alcancem novos públicos sem a necessidade de intermediários.





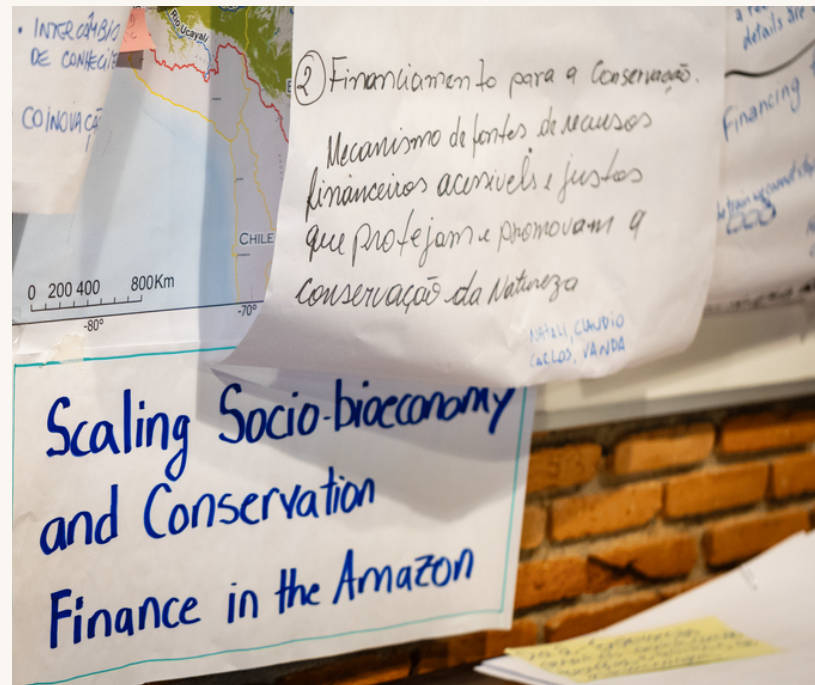
6. Condições Territoriais e Governança

As iniciativas sociobioeconômicas também dependem de condições estruturais relacionadas aos direitos territoriais, às instituições locais e às políticas públicas. Os participantes destacaram que a segurança da posse da terra, a previsibilidade da governança e a coordenação entre diferentes órgãos e instâncias governamentais criam o ambiente necessário para que as atividades se desenvolvam e se consolidem.

Essas condições moldam a forma como as comunidades acessam crédito, se relacionam com programas governamentais e navegam pelos marcos regulatórios relativos ao uso dos recursos naturais e à comercialização. Onde os arcabouços institucionais funcionam adequadamente, as comunidades conseguem formalizar empreendimentos, atender a requisitos e padrões, e se beneficiar de assistência técnica, crédito rural e programas de compras públicas. Os participantes enfatizaram que lacunas de implementação — especialmente em áreas remotas — frequentemente limitam o alcance desses instrumentos, mesmo quando as políticas existem formalmente. Fortalecer as instituições locais para superar essas lacunas é, portanto, tão importante quanto os próprios recursos financeiros. Apesar das amplas variações existentes na Amazônia, as condições de governança influenciam de forma consistente a viabilidade dos empreendimentos comunitários e a autonomia das organizações locais na gestão das atividades produtivas e do desenvolvimento territorial.

Desafios das Sociobioeconomias

Os participantes da oficina destacaram tanto desafios internos (no âmbito das comunidades e das organizações) quanto desafios externos (de natureza estrutural e institucional) que limitam o desenvolvimento das sociobioeconomias na Amazônia. Também apontaram raízes históricas mais profundas que moldam essas barreiras. A figura a seguir apresenta as principais reflexões coletivas.





Desafios Internos e Externos da Sociobioeconomia



Reflexões Coletivas para Avançar

Os participantes vislumbraram uma sociobioeconomia fundamentada na autonomia comunitária, no fortalecimento de capacidades de longo prazo e em parcerias genuínas, em oposição a intervenções de curto prazo com lógica assistencialista. As comunidades buscam ser instâncias decisórias e coautoras de seus próprios processos de desenvolvimento, com investimentos direcionados ao fortalecimento de instituições locais, estruturas administrativas e articulação política, de modo que as organizações possam gerir processos de forma autônoma após o encerramento de projetos externos.

O investimento consistente e de longo prazo em capacitação foi considerado essencial. Isso inclui o desenvolvimento de competências em gestão, contabilidade, negociação, incidência política e gestão de riscos, bem como o aprofundamento do entendimento sobre cadeias de valor e mercados territoriais. O fortalecimento de capacidades deve alcançar pesquisadores comunitários, jovens e mulheres, reconhecendo-os como atores centrais na geração e interpretação de conhecimentos, na liderança de empreendimentos e na sustentação da coesão social.

Os modelos de financiamento precisam ser mais flexíveis, realistas e escalonados. Os participantes enfatizaram a importância de abordagens combinadas que integrem doações, fundos reembolsáveis, empréstimos, investimentos de impacto e parcerias com instituições financeiras, evoluindo de acordo com o grau de maturidade de cada iniciativa e reconhecendo os custos reais da conservação e do desenvolvimento organizacional. Prazos mais longos, cobertura adequada de custos indiretos e arranjos híbridos — como fundos coletivos e modelos que combinam implementação local com gestão financeira externa — foram considerados fundamentais para reduzir dependências e custos de transação, ao mesmo tempo em que promovem autonomia. O setor de seguros também pode contribuir para mitigar riscos percebidos e atrair novos investidores para um contexto de alto potencial, porém marcado por incertezas.



Os modelos de financiamento precisam ser mais flexíveis, realistas e escalonados. Os participantes enfatizaram a importância de abordagens combinadas que integrem doações, fundos reembolsáveis, empréstimos, investimentos de impacto e parcerias com instituições financeiras, evoluindo de acordo com o grau de maturidade de cada iniciativa e reconhecendo os custos reais da conservação e do desenvolvimento organizacional. Prazos mais longos, cobertura adequada de custos indiretos e arranjos híbridos — como fundos coletivos e modelos que combinam implementação local com gestão financeira externa — foram considerados fundamentais para reduzir dependências e custos de transação, ao mesmo tempo em que promovem autonomia. O setor de seguros também pode contribuir para mitigar riscos percebidos e atrair novos investidores para um contexto de alto potencial, porém marcado por incertezas.

As empresas foram identificadas como potenciais aliadas estratégicas, e não apenas como compradoras. Na condição de mentoras, co-desenvolvedoras e conectores, podem contribuir para a estruturação de cadeias de valor, a abertura de mercados e o apoio à inovação por meio de redes de assessoramento e trocas informais. Para que isso ocorra, os territórios precisam estar preparados, e não apenas reagir a oportunidades pontuais: as comunidades devem dispor de sistemas de governança, infraestrutura e prontidão operacional quando empresas e investidores buscam soluções sustentáveis. O planejamento coordenado e de longo prazo é necessário para evitar os “cemitérios de projetos” deixados por intervenções fragmentadas e de curto prazo.

As lacunas de infraestrutura — em transporte, logística, conectividade digital e tecnologias localmente apropriadas ou adaptadas — permanecem como entraves significativos que isolam produtores e elevam custos. O enfrentamento dessas limitações, por meio de investimentos coordenados em logística, infraestrutura digital e tecnologias, articulados a trajetórias de educação e empreendedorismo, também tornaria a permanência nos territórios amazônicos uma opção viável e atrativa para a juventude.

No que se refere aos sistemas de conhecimento e à ciência, os participantes defenderam a promoção de pesquisa e educação transdisciplinares e éticas, capazes de articular saberes técnicos, tradicionais e experientiais. Preservar os conhecimentos locais, incluindo aqueles de povos indígenas e comunidades tradicionais, implica reconhecê-los e colaborar com eles em seus papéis de analistas, tratando seus sistemas de conhecimento como estruturas científicas legítimas.

A colaboração entre pesquisadores, profissionais e comunidades deve gerar aprendizagens aplicadas e estratégias compartilhadas, com a ciência atuando como parceira da transformação, e não como observadora distante.

As lacunas de infraestrutura — em transporte, logística, conectividade digital e tecnologias localmente apropriadas ou adaptadas — permanecem como entraves significativos que isolam produtores e elevam custos. O enfrentamento dessas limitações, por meio de investimentos coordenados em logística, infraestrutura digital e tecnologias, articulados a trajetórias de educação e empreendedorismo, também tornaria a permanência nos territórios amazônicos uma opção viável e atrativa para a juventude.

No que se refere aos sistemas de conhecimento e à ciência, os participantes defenderam a promoção de pesquisa e educação transdisciplinares e éticas, capazes de articular saberes técnicos, tradicionais e experientiais. Preservar os conhecimentos locais, incluindo aqueles de povos indígenas e comunidades tradicionais, implica reconhecê-los e colaborar com eles em seus papéis de analistas, tratando seus sistemas de conhecimento como estruturas científicas legítimas. A colaboração entre pesquisadores, profissionais e comunidades deve gerar aprendizagens aplicadas e estratégias compartilhadas, com a ciência atuando como parceira da transformação, e não como observadora distante.





Como citar esse documento

Nunes, A.C.G., Useche, P., Blare, T., Valladares-Padua, C., Kainer, K., Luna-Celino, V., Dain, J., Mello, D., Loiselle, B., & Espada, A.L.V. (2026) Sociobioeconomias e Financiamento da Conservação na Amazônia: Análise Executiva da Oficina. Nazaré Paulista, São Paulo, Brasil. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.18700963>

Para mais informações sobre a agenda do workshop, os participantes e as discussões, consulte o relatório detalhado em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.18614542>

1. Pan-Amazônia. 2. Empreendedorismo comunitário. 3. Cadeias de valor. 4. Finanças de impacto. 5. Modelos colaborativos de desenvolvimento.

Sobre o projeto “Poder das Conexões”

O projeto “Poder das Conexões” é liderado pelo Programa de Conservação e Desenvolvimento Tropical (TCD), vinculado ao Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade da Flórida (UF), em parceria com a Fundação Gordon e Betty Moore. “Colhendo Lições e Fortalecendo Coalizões para a Conservação Amazônica” está no cerne deste projeto, que busca conectar pessoas e desenvolver, de forma colaborativa, caminhos para uma conservação pan-amazônica duradoura. O projeto é financiado pela Fundação Gordon e Betty Moore por meio da doação GBMF13270.

Sobre o TCD

A missão do Programa de Conservação e Desenvolvimento nos Trópicos (TCD) é conectar teoria e prática para promover a conservação da biodiversidade, o uso sustentável dos recursos naturais e o bem-estar humano nos trópicos e em outras regiões. O TCD é um programa de pesquisa e formação vinculado ao Centro de Estudos Latino-Americanos, contando com 10 docentes permanentes e aproximadamente 100 docentes associados em diferentes unidades do campus da Universidade da Flórida. O programa possui uma longa trajetória de colaboração com organizações parceiras na Amazônia e de apoio a redes de profissionais da conservação comprometidos com o desenvolvimento sustentável.

Sobre a Fundação Moore

A Fundação Gordon e Betty Moore promove a descoberta científica, a conservação ambiental e a preservação do caráter único da região da Baía de São Francisco. Desde 2001, a Iniciativa Andes-Amazônia da Fundação Moore tem contribuído para a conservação de mais de 400 milhões de hectares da Amazônia. Até 2031, a iniciativa tem como meta colocar 70% do bioma amazônico (cobertura florestal) e os ecossistemas de água doce que o sustentam sob gestão e conservação efetivas.

Organização



Colaboração



Parceria



Visite o site do projeto

